

Frighetto, Renan

*A imagem de Teodósio nas Historiae Adversus
Paganos VII, 34-35 de Paulo Orósio*

Stylos N° 14, 2005

Este documento está disponible en la Biblioteca Digital de la Universidad Católica Argentina, repositorio institucional desarrollado por la Biblioteca Central "San Benito Abad". Su objetivo es difundir y preservar la producción intelectual de la Institución.

La Biblioteca posee la autorización del autor para su divulgación en línea.

Cómo citar el documento:

Frighetto, Renan. "A imagem de Teodósio nas Historiae Adversus Paganos VII, 34-35 de Paulo Orósio". [en línea], *Stylos*, 14 (2005).

Disponibile en: <http://bibliotecadigital.uca.edu.ar/repositorio/revistas/imagen-teodosio-historiae.pdf> [Fecha de consulta:.....]

A IMAGEM DE TEODÓSIO NAS *HISTORIAE ADVERSUS PAGANOS* VII, 34-35 DE PAULO ORÓSIO*

RENAN FRIGHETTO**

...*Theodosium aequae Hispanum
uirum et restituendae reipublicae...*
(Or., *Hist.* VII,34,10-1)

De todos os personagens históricos surgidos ao longo do século IV no mundo imperial romano o caso de Teodósio destaca-se por seu caráter um tanto peculiar e enigmático. Último soberano da quarta centúria dum *imperium* ainda unificado e hegemônico sobre todo o mundo mediterrânico, cabeça duma dinastia imperial que terá continuidade até meados do século V nos territórios da *Pars Occidentalis* do mundo romano¹, Teodósio acabou sendo relegado à um segundo plano pelos historiadores das futuras monarquias romano-germânicas que deram à Constantino o privilégio de tornar-se *exemplum* para seus soberanos e príncipes. Concordamos com a opinião legada por Manuel Rodríguez Gervás de que a construção ideológica feita tanto por Lactancio como por Eusébio de Cesarea sobre Constantino “potenciaram-no” como *princeps christianus*² e criaram “un canon propagandístico en torno a él” que teve uma enorme profusão ao longo da Antiguidade Tardia e da Idade Média³. Por

* Conferencia pronunciada en las XIII Jornadas de Estudios Clásicos “Grecia y Roma en España”, organizadas por el Instituto de Estudios Grecolatinos “Prof. F. Nóvoa” (UCA), 30 de junio-1 de julio, 2005.

** UFPR/CNPq/Brasil

¹ Como nos indica OR., *Hist.* VII, 34: ...*huius autem Orienti simul atque Occidenti per succiduas usque ad nunc generationes gloriosa propago dominatur...*; em AMB. MIL., *De obitu Theodosii* 6 aparece a referência aos filhos deixados por Teodósio.

² Particularmente LACT., *De mort. persc.* 24, 9; 44, 5-6; 48, 2-12; EUS. CAES., *Hist. Ecl.* IX, 1-9; EUS. CAES., *Uit. Const.* I, 28-29.

³ Para tanto vide M. J. RODRÍGUEZ GERVÁS, *Propaganda política y opinión pública en los panegíricos latinos del Bajo Imperio*. Salamanca, 1991, p.97.

certo que tal perspectiva pode explicar-nos a escolha do fundador de Constantinopla como autêntico modelo de soberano por parte dos pensadores, historiadores e ideólogos das monarquias romano-germânicas tardo antigas⁴. Por outro lado devemos recordar que a significativa presença política e ideológica do Império Romano do Oriente na bacia mediterrânica entre os séculos V-VII também colaborou decisivamente para a preservação daquele ideal de soberano modelar à volta de Constantino, influenciando diretamente as construções teóricas do poder régio naqueles reinos fixados nos territórios ocidentais e estabelecendo na figura do *Basileus* oriental um protótipo de soberano a ser seguido. Indubitavelmente que tal postura encontrava-se amparada numa série de manifestações que visavam o reforço do poder monárquico nos reinos romano-germânicos ocidentais e que comumente denominamos como *imitatio imperii* que segundo Valverde Castro seria “...la emulación consciente de las prácticas, formas y tradiciones imperiales romanas...”⁵. Nesse caso Constantino apareceria aos olhos dos pensadores da Antiguidade Tardia como exemplo modelar e portador de todas as tradições imperiais válidas para o fortalecimento do poder régio nos reinos romano-germânicos ocidentais, eclipsando outros governantes imperiais de grande talha política, filosófica e religiosa⁶.

⁴ Encontramos claros paralelos entre as ações realizadas por Constantino com algumas levadas a cabo por monarcas romano-germânicos do século VI como os sinais que levaram à conversão do rei franco Clóvis encontradas no relato de GREG. TUR., *Hist. Franc.* II, 29-31, bem como a conversão dos visigodos do arianismo ao cristianismo niceno no III Concílio de Toledo de 589 e que apresenta o monarca Recaredo muito próximo da postura tomada por Constantino no Concílio de Nicéia de 325, quando se condena o arianismo à condição de heresia. Nesse sentido é interessante a afirmação de J. FONTAINE, *Isidoro de Sevilla. Génesis y originalidad de la cultura hispánica en tiempos de los visigodos*, Madrid, 2003, p. 13, “...el visigodo Juan de Gerona (o de Biclario) [...] en su *Crónica*, compara la presencia del rey Recaredo en el III Concilio de Toledo con la de Constantino en el Concilio de Nicea...”, referindo-se à passagem encontrada em IOAN. BICL., *Chron.*, a. 590,1: *...memoratus vero Reccaredus rex ut diximus, sancto intererat concilio, renovans temporibus nostris antiquum principem Constantinum Magnum sanctam synodum Nicaenam sua illustrasse praesentia...*

⁵ Cf. M. R. VALVERDE CASTRO, *Ideologia, simbolismo y ejercicio del poder real en la monarquía visigoda: un proceso de cambio*, Salamanca, 2000, p.181. Sobre esta questão ver também R. FRIGHETTO, “O problema da legitimidade e a limitação do poder régio na Hispania visigoda: o reinado de Ervígio (680-687)”, in: *Gerión 22-1*, Madrid, 2004, pp. 423 e do mesmo autor “Algumas considerações sobre o poder político na Antiguidade Clássica e Antiguidade Tardia”, in: *Stylos 13*, Buenos Aires, 2004, pp. 44.

⁶ Exemplo disso é o caso do Imperador Juliano que segundo M. J. HIDALGO DE LA VEGA, *El intelectual, la realeza y el poder político en el Imperio Romano*, Salamanca, 1995, p. 223, “...la figura histórica de Juliano es mucho más compleja y su obra no sólo fue la expresión de un

Contudo se observarmos com atenção as fontes contemporâneas, ou cronologicamente mais próximas, ao reinado de Teodósio verificaremos que sua importância é equiparável a de seu antecessor Constantino tanto em matéria política como religiosa. A título de exemplo vale recordarmos que se Constantino aparece descrito como o primeiro imperador cristão⁷ – afirmação esta que pode inclusive gerar alguma polêmica como bem sugere Rodríguez Gervás⁸ – fundador de Constantinopla e responsável pela reunião do primeiro concílio ecumênico da Igreja ocorrido em Niceia no ano de 325⁹, coube a Teodósio reconhecer o Cristianismo como religião oficial do Império Romano, através do édito de Tessalônica de 380¹⁰, bem como proibir os rituais pagãos a partir do édito de Milão de 392¹¹. Se ambos apresentaram um desempenho político de grande relevo ao longo da quarta centúria coube a obra orosiana destacar a idéia de que Teodósio foi *de facto* o autêntico restaurador da *respublica* da mesma forma que Trajano¹². Portanto se Orósio reconhece em Constantino o título de *princeps christianus* destaca, por sua vez, em Teodósio a perspectiva do *Optimus princeps* que trouxe a unidade política e a paz ao orbe romano – tal qual Trajano – que aproximavam-no, segundo Hidalgo de la Vega, da imagem do

intento fallido de restablecer el paganismo, sino que en ella se plasman elementos sustanciales relacionados con su filosofía política y su concepción teológica, en cierto modo unidas entre sí, y que plantean una vez más las bases fundamentales de la teoría política sobre la *basileia*, pero en esta ocasión en el escenario de un periodo de grandes transformaciones...”.

⁷ O próprio Orósio apresenta-o desta forma em OR., *Hist.*, VII, 28: *...in Britannii Constantinus imperator creatus, primus imperatorum Christianus...*

⁸ Segundo M. J. RODRÍGUEZ GERVÁS, “Los sueños de Constantino en autores paganos y cristianos”, in: *Antigüedad y Cristianismo VII – Cristianismo y aculturación en tiempos del Imperio Romano*, Murcia, 1990, p. 143, “...El estudio de los sueños-visiones de Constantino ha conducido a una larga e irresoluble polémica sobre la personalidad político-religiosa de este emperador...”.

⁹ OR., *Hist.*, VII, 28: *...apud Nicaeam urbem Bithyniae conuentus trecentorum decem et octo episcoporum factus est[...]. urbem nominis suis Romanorum regum uel primus uel solus instituit...* Na perspectiva de J. FACI, “Debates”, in: *De la Antigüedad al Medioevo (Siglos IV/VIII) – III Congreso de Estudios Medievales*, Ávila, 1993, p.160, a fundação de Constantinopla “ellos mismos se creían en último término continuadores del anterior”. Assim, segundo Faci, a fundação duma nova capital surge como “un símbolo más” da idéia de continuidade política e institucional com relação ao mundo alto-imperial romano.

¹⁰ C. Th. XVI, 2, 25.

¹¹ C. Th. XVI, 10, 12.

¹² OR., *Hist.* VII, 34: *...qua quondam legerat Nerva Hispanicum uirum Traianum, per quem respublica reparata est...*

soberano “salvador y protector de la humanidad”¹³. Logo, Teodósio é apresentado por Orósio como portador das virtudes imperiais características de Trajano que elevavam-no à uma condição meio sagrada, meio humana, que aparece refletida também nos escritos de autores pagãos como Pacato que em seu Panegírico em honra a Teodósio denomina-o como “deus que a *Hispania* nos legou”¹⁴. Perspectiva comum a autores pagãos e cristãos que acabou por ser otimizada pelos últimos que reforçavam a condição de Teodósio como *christianus* e propagador da Igreja¹⁵ já que, segundo Orósio, foi o responsável pela difusão da fé de Cristo entre os Cítas¹⁶. Noutras palavras, Teodósio teria sido o difusor da *ciuilitas* e da *humanitas* entre os “bárbaros”, entendidas a partir do século IV como sinônimas e vinculadas a *christianitas*, sendo esta seguidora e mantenedora de toda a tradição clássica greco-romana e helenística¹⁷.

Contudo chama demasiada atenção a vinculação feita quer por Orósio, quer por outros autores relacionados ao universo literário e ideológico pagão, de Teodósio com sua *Hispania* natal¹⁸. Uma vez mais observamos a tendente aproximação entre dois imperadores modelares, Trajano e Teodósio, que são oriundos da mesma *mater Hispania* e restauradores da *respublica*. Coincidência ou intenção tal relação deveria estar associada aos acontecimentos ocorridos entre 383 e 388, anos em que Teodósio

¹³ Cf. M. J. HIDALGO DE LA VEGA, *El intelectual, la realeza y el poder político...*, p.109.

¹⁴ PAC., *Paneg. Theod. 4*: ...*deum dedit Hispania quem uidemus...*

¹⁵ OR., *Hist. VII, 34*: ...*cum in omnibus humanae uitae uirtutibus iste par fuerit, in fidei sacramento religionisque cultu sine ulla comparatione praecessit [...] hic propagator Ecclesiae...*

¹⁶ OR., *Hist. VII, 34*: ...*omnem fiduciam sui ad opem Christi conferens maximas illas Scythicas gentes...*

¹⁷ Para verificarmos esta relação entre *ciuilitas/humanitas/christianitas* e sua difusão entre as tribos “bárbaras”, vide R. FRIGHETTO, “Da Antiguidade Clássica à Idade Média: a idéia da *Humanitas* na Antiguidade Tardia Ocidental”, in: *Temas Medievales 12*, Buenos Aires, 2004, p. 147-63.

¹⁸ PAC., *Paneg. Theod. 4*: ...*Nam primum tibi mater Hispa.ia est, terris omnibus terra felicior...* Além de Pacato e do próprio Orósio, devemos recordar também de Prudencio que segundo J. FONTAINE, *Isidoro de Sevilla...*, p. 40, em “...Su poema *Contra Simaco* celebra el ideal del Imperio Cristiano promovido por el Emperador Teodosio, un hispanorromano natural de Cauca (la actual Coca de la Provincia de Segovia)...”; ver também AUR. UIC., *Epitome Caesaribus* 48,1.

compartilhou seu poder com Magno Máximo¹⁹, também hispano²⁰, usurpador instalado nos territórios ocidentais após a morte de Graciano e da fuga de Valentiniano ao Oriente onde foi acolhido por Teodósio com “paterna piedade”²¹. Nesse caso a presença da *Hispania* no relato orosiano serve para relacioná-la à causa do *legitimus Imperator*, Teodósio, em contra do tirânico e usurpador Máximo, demonstrando uma unidade provincial que refletir-se-ia em termos mais amplos. Ou seja, se a região que viu o nascimento de Teodósio manteve-se a ele fiel o mesmo acabou por acontecer com todas as demais regiões do Império. Uma unidade imperial desejada mas que somente encontrou sua construção retórica e ideológica acabada após a definitiva derrota de Máximo em 388, valendo dizer que tal construção estava diretamente vinculada à condição de Teodósio como *uictor* diante de seu oponente. Idéia que aparece com clareza no opúsculo de Décimo Magno Ausonio *Ordo Urbium Nobilium*, onde podemos verificar que o *rhector burdigalense* dá um elevado valor tanto as *ciuitates* da Gália, especialmente a sua *Burdigala* natal, como às *ciuitates* ibéricas, provavelmente a raiz da vitória de Teodósio²². Também é importante o destaque oferecido à Aquiléia, *ciuitas* onde Teodósio venceu e eliminou Máximo²³. Portanto tais indícios apontam-nos, provavelmente, que esta obra tenha sido iniciada antes de 388, mas os acontecimentos levaram Ausônio a ampliá-la para um tom panegirístico, de verdadeira *laude ao imperator nouum*, com a inserção das *ciuitates* hispanas e Aquiléia. Inclusive podemos observar uma provável influência desta postura panegirística ausoniana, encontrada no *Ordo Urbium Nobilium*, sobre o Panegirico escrito por Pacato em honra de Teodósio no ano de 389²⁴. Logo, a obra de Ausonio segue a linha da unidade política mais ampla levada à cabo pela obra

¹⁹ Um excelente estudo sobre a relação de Máximo e Teodósio nos oferece M. V. ESCRIBANO, “Usurpación y religión en el s. IV d. de C. Paganismo, Cristianismo y legitimación política”, in: *Antigüedad y Cristianismo VII – Cristianismo y aculturación en tiempos del Imperio Romano*, Murcia, 1990, pp. 257-67.

²⁰ De acordo com Pac., *Paneg. Theod.* 31: ...*Non sibi ipse obiecisset te esse triumphalis uiri filium, se patris incertum; te heredem nobilissimae familiae, se clientem...*, Máximo pertenceria ao grupo de clientes da família de Teodósio. Mas é ZOZ., *Hist. Eccl.* 4, 35, PAC., *Paneg. Theod.* 4: 3 que refere-se a Máximo como compatriota de Teodósio.

²¹ OR., *Hist.* VII,34: ...*Valentinianus in Orientem refugiens a Theodosio paterna pietate susceptus...*

²² AUS., *Or. Urb. Nob. XI Hispalis, XII Corduba, XIII Tarraco, XIV Bracara.*

²³ AUS., *Or. Urb. Nob. IX: Non erat iste locus; merito tamen aucta recenti nona inter claras, Aquileia, cieberis urbes [...]. Maximus, armigeri quondam sub nomine lixae. Felix, quae tanti spectatrix laeta triumphii punisti Ausonio Rutupimum Marte latronum...*

²⁴ Para tanto vide LUCIA DI SALVO, *Ausonio. Ordo Urbium Nobilium*, Napoli, 2000, pp. 200-1.

realizada pelo *Imperator* Teodósio.

Porém se notamos com clareza estas posições política e ideológica nos escritos realizados na seqüência da vitória de Teodósio sobre Máximo, devemos colocar certas ressalvas a partir de algumas informações contidas na produção legada por Sulpício Severo e que está datada entre os anos de 383 e 385. Neste período, conforme sugere M. V. Escribano, “Máximo obtuvo el reconocimiento de su igualdad en las insígnias imperiales con Valentiniano y Teodosio, pero debió, al menos en términos diplomáticos, renunciar a sus pretensiones exclusivistas sobre Occidente”²⁵. Portanto verificamos que Máximo obteve reconhecimento legal de sua condição de *Imperator* e ao que parece, seguindo as indicações de Sulpício Severo, contou com o apoio decisivo das aristocracias britano-romana e galo-romana na medida em que a ação de Máximo foi perpetrada por intermédio de um pronunciamento militar²⁶ denotando o apoio legado ao usurpador por parte das forças legionárias estacionadas na *Britania* e na *Gália*, revelando-nos a importância da *aclamatio imperii* para o seu alçamento. Como já tivemos ocasião de afirmar “o Imperador jamais exerceria o poder *de facto* sem a realização da aclamação militar”²⁷, indicação esta que vale para o caso de Máximo que obteve um amplo respaldo político e militar motivado pelo descontentamento tanto das aristocracias britana e galo romanas com respeito as ações políticas levadas a cabo por Graciano, bem como das legiões em relação ao tratamento favorável dispensado pelo *Imperator legitimus* em relação aos Alanos incorporados nas fileiras imperiais²⁸. Um sinal inequívoco dos problemas de fragmentação do poder imperial e centralizador no Ocidente tardo-antigo visto que o alijamento de segmentos aristocráticos regionais das decisões tomadas nas cortes imperiais de Constantinopla, Roma, Milão ou Ravena acentuava ainda mais a fratura política e institucional do Império Romano nos territórios ocidentais.

Além destes elementos devemos agregar ao problema da usurpação de Máximo a questão priscilianista que aparece no relato de Sulpício Severo sendo completamente ocultada na descrição histórica orosiana. Este silêncio pode estar vinculado a origem

²⁵ Cf. M. V. ESCRIBANO, “Usurpación y religión...”, p. 262.

²⁶ Sulp. Sev., *Dial.* III, 6, 2; segundo Or., *Hist.* VII, 34: ...*Maximus, uir quidem strenuus et probus atque Augusto dignus nisi contra sacramenti fidem per tyrannidem emersisset, in Britannia inuitus propemodum ab exercitu imperator creatus in Galliam transiit...*

²⁷ Cf. R. FRIGHETTO, “Algumas considerações sobre o poder político...”, pp. 42; ver também M. J. RODRÍGUEZ GERVÁS, *Propaganda política y opinión pública...*, p.36.

²⁸ Cf. M. V. ESCRIBANO, “Usurpación y religión...”, p. 257-8.

hispana da heresia²⁹ e com o provável agravante de, inclusive, contar com a participação de personagens associados ao círculo político e familiar de Teodósio, elemento este que poderia macular toda a construção positiva à volta do *Optimus Princeps*³⁰. Por outro lado podemos sugerir como hipótese plausível que a reação de Máximo de condenar e executar tanto a Prisciliano como a seus seguidores em Treveris no ano de 385, atitude essa apontada por Díaz Martínez como sinal mais que expressivo do poder efetivo exercido pelo usurpador³¹, seguia uma linha de atuação de eliminar prováveis aliados e seguidores de Teodósio que, naquele momento, detinha o poder na *Pars Orientalis* do mundo imperial romano, além de posicionar-se como aliado da fé nicena e buscar apoio político efetivo junto a um dos maiores expoentes políticos do universo cristão ocidental, o Bispo Ambrosio de Milão³². Observando com atenção o papel desempenhado por Máximo no desenrolar da questão priscilianista, seguindo a opinião de M.V.Escribano³³, parece-nos correto afirmar que o usurpador buscava o pleno reconhecimento de seus poderes como Augusto dos territórios ocidentais junto as cortes imperiais de Constantinopla e Milão, sendo o episódio de Prisciliano e seus seguidores consequência do poder factível exercido por Máximo e meio pragmático para demonstrar sua posição ideológica em favor do Cristianismo niceno como legítimo *princeps christianus*. Se concordamos com as fontes³⁴ que

²⁹ Segundo J. FONTAINE, *Isidoro de Sevilla...*, p. 41, "...Si bien los complejos remolinos de la crisis arriana no perdonaron a la España meridional, la crisis más grave tuvo lugar en ella surgió a causa de una herejía específicamente hispánica: el priscilianismo...".

³⁰ De acordo com M. V. ESCRIBANO, "Usurpación y religión...", p. 267, "...la procedencia aristocrática de los miembros más significativos de la secta en Hispania, algunos originarios del área de procedencia y localización de las propiedades familiares de Teodósio...".

³¹ Cf. P. C. DÍAZ MARTÍNEZ, "La recepción del monacato en Hispania", in: *Codex Aquilariensis* 5, Aguilar de Campo, 1991, pp. 133-6.

³² O poder político que gozava Ambrósio de Milão foi muito bem delineado por R. TEJA, "Auctoritas vs. Potestas. El liderazgo social de los obispos en la sociedad tardo-antigua", in: *Emperadores, obispos, monjes y mujeres. Protagonistas del cristianismo antiguo*, Madrid, 1999, p. 105, "...el hecho de saber estar junto al poder sin contaminarse con él fue lo que sublimó y preservó la figura del obispo. Quizá pocos fueron tan conscientes de la trascendencia de esta postura como Ambrosio de Milán, que tenía mejor experiencia que cualquier otro personaje de su época en el ejercicio de ambos poderes [...]. Ésta fue la base de la *auctoritas* de Ambrosio, al margen de la *potestas* que una sede importante como la de Milán podía ofrecerle...".

³³ Cf. M.V.ESCRIBANO, "Usurpación y religión...", p. 260.

³⁴ Para tanto vide PAC., *Paneg. Theod.* 30: ...*Tandem in nos oculos deus retulit et bonis orientis intentus ad mala nostra respexit et hunc sacerrimo capiti obiecit furorem ut foedus abrumperet....*; *Chron. Gall.*, a. 384: *Maximus timens Orientalis imperii principem Theodosium*

estabeleceu-se um *foedus* entre Teodósio, Máximo e Valentiniano que reorganizou politicamente o Império Romano a partir de 384, devemos analisar o juízo e a execução de Prisciliano e seus seguidores, embora realizado por uma causa justificável de que a atitude herética do abulense podia desencadear uma *seditione*, como um possível primeiro sinal da tensão entre Máximo e Teodósio que culminou com a ruptura do *foedus* e a confrontação que levou à derrocada do usurpador em Aquiléia no ano de 388. Aqui voltamos a ouvir o tom laudatório tanto de Pacato como de Orósio que revelam-nos a destreza militar de Teodósio frente à um inimigo numericamente superior e, no caso do presbítero hispano, o favor de Deus àquele que possuía “uma fé maior”³⁵ e que agia como um vingador de Graciano, *legitimus Imperator* assassinado pelo *tyrannus*³⁶

Mas a grandeza de Teodósio ganha outros contornos na medida em que Orósio apresenta-o como o *Imperator* responsável por feitos maiores que os de Alexandre ou Pompeu ao derrotar militarmente a alanos, hunos e godos³⁷. Uma vez mais verificamos a coincidência entre o relato orosiano e o panegírico de Pacato, que também compara Teodósio com Cipião, “o africano”, Hanibal e Alexandre Magno em relação as suas virtudes militares³⁸ embora demonstre que o *Imperator* encontrou maiores dificuldades nas guerras contra os “bárbaros”³⁹, aspecto este ofuscado pelo

cum Valentiniano foedus inicit...

³⁵ PAC., *Paneg. Theod.* 40: ...*Scimus quidem, imperator, ita te cuncta administrasse ut non possint se tibi imputare successus, sed fatearis necesse est quantum te in bello tantum Fortunam tuam egisse post bellum...*; OR., *Hist.* VII, 35: ...*posuit in Deo spem suam seseque aduersus Maximum tyrannum sola fide maior – nam longe minor uniuersa apparatus bellici comparatione – proripuit...*

³⁶ OR., *Hist.* VII, 35: ...*itaque iustis necessariisque causis ad bellum ciuille permotus, cum e duobus Augustis fratribus et ultionem unius interfecti sanguis exigeret et restitutionem...*

³⁷ OR., *Hist.* VII, 34: ...*formidatasque cunctis maioribus, Alexandro quoque illi Magno, sicut Pompeius Corneliusque testati sunt, euitatas, nunc autem extincto Romano exercitu Romanis equis armisque instructissimas, hoc est Alanos Hunos et Gothos, incunctanter adgressus magnis multisque proeliis uicit...*; ver também PAC., *Paneg. Theod.* 32: que faz referencia às vitórias contra os Godos, Alanos e Hunos.

³⁸ PAC., *Paneg. Theod.* 8: ...*Non tam patiens Africanus prima rudimenta militiae sub Paulo Emilio patre tolerauit nec pari indole Hannibal puer tentoria Hispana successit nec futurarum spe certiore uirtutum Philippea castra Alexander nondum Magnus impleuit...*

³⁹ PAC., *Paneg. Theod.* 11: ...*Nescis me tibi tuisque decrescere? Quicquid atterit Gothus, quicquid rapit Hunus, quicquid aufert Halanus[...]. Perdidi infortunata Pannonias, lugeo funus Illyrici...*; 32: ...*sub ducibus uexillisque Romanis hostis aliquando Romanus et signa, contra quae steterat, sequebatur urbesque Pannoniae, quas inimica dudum populatione uacuauerat, miles impleuerat. Gothus ille et Hunus et Halanus respondebat ad nomen et*

tom favorável e positivo apresentado por Orósio ao descrever a entrada triunfal de Teodósio como vitorioso em Constantinopla após vencer aqueles povos⁴⁰. Contudo devemos levar em consideração que o próprio Orósio faz referência ao estabelecimento dum *foedus* com os “bárbaros” – datado do ano de 382 – e a conseqüente fixação daqueles em regiões da Trácia, revelando-nos a possibilidade de que Teodósio tenha encontrado dificuldades naquelas confrontações militares. Uma hipótese bastante provável se recordarmos que o descalabro militar do Imperador Valente frente aos visigodos no ano de 378 em Andrinopla desestabilizou completamente as forças militares romanas no oriente⁴¹, fazendo com que a postura de Teodósio tenha sido muito mais de conciliação que de confrontação para possibilitar a “restituição da república”⁴². Esta atitude política de Teodósio possibilitou-lhe estabelecer uma autêntica *pax* nos territórios orientais⁴³ e, ao mesmo tempo, consolidar uma relação de proximidade com alguns *reguli* visigodos que mostraram-se importantes a hora da confrontação do *Imperator legitimus* contra o usurpador Eugênio e seu aliado Arbogastes⁴⁴ em finais de seu reinado. A favor de Teodósio, na perspectiva orosiana, contou o apoio de Deus⁴⁵ e a sua condição de benigno e clemente⁴⁶ com aqueles que

alternabat excubias et notrai infrequens uerebatur...

⁴⁰ OR., *Hist.* VII, 34: *...urbem Constantinopolim uictor intrauit...*

⁴¹ Para tanto vide P. BROWN, *O fim do Mundo Clássico. De Marco Aurélio à Maomé*, Lisboa, 1972, p. 117; e também J. M. PÉREZ PRENDES, “Rasgos de afirmación de la identidad visigótica desde Atanarico”, in: *Antigüedad y Cristianismo III – Los Visigodos. Historia y civilización*, Murcia, 1986, pp. 34-5; segundo H. I. MARROU, “Saint Augustin, Orose et l’Augustinisme historique”, in: *La Storiografia altomedievale – Settimane di studio del centro italiano di studi sull’Alto Medioevo XVII*, Spoleto, 1970, p.79-80, “...Orose[...] sait que le désastre d’Andrinople (378) est venu punir l’arianisme de Valens...”.

⁴² Além desta idéia estar presente na nota 12, a perspectiva contrária está declarada em OR., *Hist.* VII, 34: *...cum patruo Valente et cum Valentiniano fratre regnaret qui cum adflictum ac paene conlapsum reipublica statum uideret...*

⁴³ OR., *Hist.* VII, 34: *...ictumque tunc foedus est, quo uniuersus Oriens usque ad nunc tranquilissime fruitur...*

⁴⁴ Orósio acentuou, de forma muito interessante, a idéia de que Eugênio contou com a colaboração direta dos bárbaros através do apoio de Arbogaste a sua ação tirânica. Para tanto OR., *Hist.* VII, 35: *...mortuo Valentiniano Augusto Arbogastes Eugenium tyrannum mox creare ausus est legitque hominem, cui titulum imperatoris inponeret; ipse acturus imperium uir barbarus [...], uel Romanorum praesidiis uel auxiliis barbarorum alibi potestate alibi cognatione subnixus...*

⁴⁵ OR., *Hist.* VII, 35: *...potentia Dei non fiducia hominis uictorem semper extitisse Theodosium...*

⁴⁶ OR., *Hist.* VII, 35: *...tam pia necessitate susceptum, tam diuina felicitate confectum, tam clementi benignitatem sopitum...*

apoiaram a Eugenio e Arbogastes, estes sim mortos para evitar a guerra civil⁴⁷. Porém esta nova ação tirânica perpetrada nos territórios da *Pars Occidentalis* do mundo imperial romano serve para acentuar ainda mais a perspectiva da paulatina fragmentação política que tinha como causa mais acusada a “rebeldia” das aristocracias de origem senatorial fixadas na *Gália* e na *Britania* contra um poder imperial desconfiado daqueles grupos senatoriais desde o apoio prestado por aqueles à Máximo entre os anos de 383 a 388. O conseqüente alijamento destes grupos senatoriais das decisões políticas mais destacadas, ao qual já fizemos menção, ficava evidenciado pela predileção de Teodósio de estabelecer a corte em Constantinopla⁴⁸ denotando uma preferência do *Imperator* em alicerçar seus apoios políticos e militares na *Pars Orientalis* do Império Romano. Uma tendência pouco inovadora já que desde Diocleciano os territórios orientais foram, reiteradamente, morada dos imperadores romanos demonstrando-nos uma preocupação do poder imperial com o problema das fronteiras perante os sassânidas e os “bárbaros” e acentuando um caráter de unidade e centralização à volta da figura do Imperador pouco perceptível nos territórios ocidentais⁴⁹.

Assim, podemos dizer que a imagem de Teodósio apresentada nas *Historia* de Paulo Orósio aparece como resposta ao momento de crise política e institucional vivenciado pelo Império Romano em sua *Pars Occidentalis* e que havia se aprofundado na época em que nosso autor concluiu a redação de sua obra, entre os

⁴⁷ OR., *Hist.* VII, 35: ...*Eugenius captus atque interfectus est; Arbogastes sua se manu perculit. Ita et hic duorum sanguine bellum civile restinctum est...*

⁴⁸ De acordo com R. TEJA, “El ceremonial en la corte del Imperio Romano tardío”, in: *Emperadores, obispos, monjes...*, p. 55, “...El privilegio que perdieron los romanos pasaron a disfrutarlo los habitantes de Constantinopla. A partir de Teodosio, el emperador vive habitualmente en la nueva Roma...”.

⁴⁹ Idéia que está presente em P. BROWN, *O fim do Mundo Clássico...*, p. 44, “...Uma diferença vital entre o Império do Oriente e o Império Ocidental encontra-se na lealdade. No Oriente há mais colaboradores do Imperio, e colaboradores mais prósperos, do que no Ocidente. Devido a isto, o entusiasmo pelo imperador ancora-se mais profundamente no Império do Oriente...”; uma extensão também pode ser vista noutra obra deste autor “The last pagan emperor: Robert Browning’s *The Emperor Julian*”, in: *Society and the holy in Late Antiquity*, Berkeley, 1989, pp. 87, “...In recent years we have gained immeasurably in our knowledge of those relatively peaceful arts of administration, landholding and patronage that would ensure that a Roman style of life survived around the Mediterranean basin long after the Roman Empire itself had collapsed in Western Europe...”.

anos de 416/418⁵⁰. De fato, a década de 406/416 foi marcada por um período de grande instabilidade nos territórios ocidentais, incluindo aqui e de forma bastante destacada a *Hispania* de Orósio que desde 407 sofreu aquilo que J.Arce define como “penetración consentida y pactada” a causa das tentativas tirânicas perpetradas desde a *Galia* por Constantino III e, posteriormente, Gerontius que culminaram com a passagem de vândalos, alanos e suevos ao território hispânico⁵¹. Nesse momento conturbado exercia o poder imperial legítimo sobre os territórios ocidentais o filho mais jovem de Teodósio, o *Imperator* Honório, sendo este um elemento importante para compreendermos a dinâmica do relato histórico de Orósio. Ao fim e ao cabo a descrição orosiana apresentou-nos um Teodósio que encarnava todos os epítetos do bom soberano vinculado à uma tradição imperial de primeira ordem, *Optimus princeps, princeps christianus*, unificador e pacificador do Império e vencedor dos tiranos. Ora, Honório disporia de todos aqueles elementos básicos para restabelecer a ordem interna nos territórios ocidentais na medida em que pertencia à família teodosiana. Contudo o relato orosiano apresenta-nos, numa forma bastante interessante, um Imperador Honório que iniciou uma conduta próxima a de seu pai somente após a morte de Estilício e ao saque de Roma perpetrado por Alarico no ano de 410, sugerindo-nos que tratava-se dum soberano jovem, pouco experiente e facilmente manipulável⁵². Postura que modificou-se significativamente a partir de sua aproximação ao *comes* Constancio, levando-nos a sugerir que Orósio estaria estabelecendo um paralelo entre o período em que Honório esteve tutorado por indivíduos de origem germânica, caso de Estilício, com aquele momento no qual o *Imperator* contava com o apoio de elementos que integravam a aristocracia senatorial romana e que fazem parte do final das *Historiae* orosianas. Ou seja, em nossa opinião,

⁵⁰ Dentre os vários autores que referem-se a questão, destacamos H. I. MARROU, “Saint Augustin, Orose...”, pp. 65-6; F. FABBRINI, *Paolo Orosio. Uno Storico*, Roma, 1979, p. 57-65; e J. M. ALONSO NÚÑEZ, “La transición del mundo antiguo al medieval en la historiografía. La primera Historia Universal Cristiana: Las *Historiae Adversum Paganos* de Paulo Orosio”, in: *De la Antigüedad al Medievo (siglos IV/VIII) - III Congreso de Estudios Medievales*, Ávila, 1993, pp.145-6.

⁵¹ Cf. J. ARCE, *El último siglo de la España romana: 284-409*, Madrid, 1982, p. 155-62. De acordo com o relato de OR., *Hist.* VII, 40: *...aduersus hos Constantinus Constantem filium suum, - pro dolor! - ex monacho Caesarem factum, cum barbaris quibusdam, qui quondam in foedus recepti atque in militiam allecti Honoriaci uocabantur, in Hispanias misit hinc apud Hispanias prima mali labes...*

⁵² Idéia que parece presente em passagens como OR., *Hist.*, VII, 38: *...itaque ubi imperatori Honorio exercituique Romano haec tantorum scelerum scaena patefacta est, commoto iustissime exercitu occisus est Stilico, qui ut unum puerum purpura indueret...*

o relato de Orósio aponta à esperança na recuperação imperial a partir da “re-inauguração” do reinado de Honório, apoiado por indivíduos que reconheciam sua autoridade. Talvez por esse motivo é que a descrição de Teodósio feita por Orósio seja tão positiva já que depositava-se em seu filho, Honório, a possibilidade de revitalizar a grandeza da obra política teodosiana. Contudo encontrava-se em marcha o paulatino processo de fragmentação política do Império Romano em sua *Pars Occidentalis*, que contou com o apoio tanto dos povos estabelecidos nos territórios ocidentais desde primórdios do século V mas também, de forma muito significativa, graças aos problemas internos existentes entre as aristocracias senatoriais de origem regional e o poder imperial que enfraqueciam consideravelmente a unidade à volta do *Imperator*.

RESUMO

A segunda metade do século IV marcou, de forma significativa, o desenvolvimento histórico do Império Romano em termos políticos e institucionais. E um dos principais participantes daqueles momentos finais do mundo imperial romano unificado foi o Imperador Teodósio. Sua importância e significado políticos são descritos por vários autores tardo-antigos e neste estudo optamos por apresentar a imagem deste importante Imperador desde a perspectiva dum contemporâneo seu, o presbítero hispano-romano Paulo Orósio. Centramos nossa análise sobre a descrição de Teodósio que foi oferecida nas *Historiae Aduersus Paganos* VII, 34-35 e podemos observar que o relato orosiano constrói uma imagem amplamente favorável do Imperador num momento em que a desagregação política do Império Romano tornara-se uma realidade em sua *Pars Occidentalis*.

RESUMEN

La segunda mitad del siglo IV es un periodo de gran importancia para el desarrollo histórico del Imperio Romano en términos políticos e institucionales. Y uno de los más importantes participantes de aquellos momentos finales del mundo imperial romano unificado fue el Emperador Teodosio. Su importancia y significación política son presentadas por varios autores tardoantiguos y en este estudio hicimos la opción de presentar la imagen de este importante emperador según la perspectiva de su contemporáneo, el presbítero hispano-romano Paulo Orosio. Direccionamos nuestro análisis hacia la descripción de Teodosio ofrecida en las *Historiae Aduersus Paganos* VII, 34-35 y observamos que el relato orosiano construye una imagen ampliamente favorable del Emperador en un momento en el cuál la disgregación política del

Imperio Romano era ya una realidad en su *Pars Occidentalis*.